



## REPRESENTAÇÃO: ENTRE MODOS DO GEOGRÁFICO.

Caroline Bulhões Nunes Vaz<sup>1</sup>

Muitas são as possibilidades do geográfico. Estas oscilam entre modos de saber e modos de ser e evidenciam aspectos das relações entre as pessoas e o mundo<sup>2</sup>. No âmbito da atitude natural, da vida, todos são geógrafos na medida em que a realidade do mundo é necessariamente espacial e necessariamente balizada por referenciais entre o eu e o mundo em que vivo. Essa inexorabilidade das relações entre humanidade e sua realidade geográfica conduziram o pensamento humano e suas reflexões sobre a existência, o ambiente, a sociedade e as possibilidades de conhecer em diferentes momentos, favorecendo exercícios de imaginação e reflexão que iam desde a constituição do planeta até as relações entre seres<sup>34</sup>.

É diante da curiosidade sobre a Terra que as possibilidades do geográfico como forma de pensar inicia sua sistematização e encontra caminhos para se tornar um modo de conhecer que, mais tarde, se tornaria um campo do conhecimento científico moderno com contornos e especificidades cada vez mais claros. Este esforço de conformação e afirmação ganha fôlego no século XIX quando desbravar e apresentar as partes desconhecidas do planeta são tanto um desafio científico quanto alvo do interesse econômico e da curiosidade europeia<sup>5</sup>.

Deste modo, apresentar o desconhecido era *representar* o desconhecido e possibilitar às pessoas uma viagem às terras distantes pela imaginação, alcançando lugares e povos através de desenhos, relatos de viagens, descrições e análises dos desbravadores. Tais viajantes

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. (UFBA) e mestre em Geografia pela mesma instituição. É membro dos grupos de pesquisa Espaço-Livre/UFBA e Geopraxis/UFBA. Caroline.bnvez@gmail.com

<sup>2</sup> BUTTIMER, Anne. Grasping the Dynamism of Lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, Vol. 66, No. 2 (Jun., 1976), pp.277-292.

<sup>3</sup> WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**. v.4, n.2, 2014

<sup>4</sup> DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

<sup>5</sup> MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço. 2. Ed. 1. Reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

pioneiros possuíam formação multifacetada e possibilitavam um surgimento plural da ciência geográfica que se interessava tanto por trabalhos de gabinete, de levantamento de informações e de compreensão das especificidades de cada área do planeta, quanto por viagens e explicações gerais sobre o funcionamento da Terra<sup>67</sup>.

Tais relatos, descrições e análises, marcaram o geográfico enquanto modo de pensar, sendo muito impressionantes os relatos medievais de viagem que possibilitavam o avanço do mapeamento do mundo conhecido, mesmo diante de todas as imprecisões e dificuldades. Mas, quais documentos podiam ser considerados confiáveis e, portanto, utilizados como referência para os pensadores? Kimble (2013) evidencia que alguns dos documentos mais reproduzidos e, então, considerados mais importantes, eram-no pela influência daqueles que os escreviam e, por isso, alguns erros foram aceitos como verdadeiros e inquestionados por longos anos, permitindo a permanência de *representações cartográficas* equivocadas do mundo, que só foram resolvidas muito tempo depois, com o avanço da tecnologia e das técnicas de mapeamento<sup>8910</sup>.

Podemos a vista disso chegar a uma primeira conclusão que baliza as demais reflexões a que nos propomos: desde antes da sistematização da Geografia enquanto ciência moderna e durante o seu processo de conformação, o geográfico enquanto modo de pensar e, portanto, relacionado ao campo científico, estava ligado à criação de *representações* entendidas como mediações sobre os fenômenos do mundo. Esse processo de conformação do geográfico como modo de pensar e de conhecer permitia também o surgimento de modos de ser geográfico-científicos, criando perfis e interesses profissionais que, mais para frente, orientaram o surgimento de subcampos, métodos e metodologias de pesquisa.

Existem diversas possibilidades de compreensão do que é representação, e essas diferentes compreensões estão relacionadas a diferentes filiações teóricas. Por isso vale ressaltar que o que entendemos por representação parte das ideias do filósofo Henri Lefebvre (2006, p. 26, tradução nossa) para quem as representações assumem o próprio caráter de mediação e

“são as vezes um fato ou fenômeno da consciência, individual e social, que acompanha em uma sociedade determinada (e uma língua) tal palavra ou

<sup>6</sup> CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a Geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>7</sup> HULBOLDT, Alexander Von. **Quadros da natureza**. Rio de Janeiro: W.W.Jackson. 1952.

<sup>8</sup> Brooke-Hitching, Edward. **El Atlas Fantasma: grandes mitos, mentiras y errores de los mapas**. Barcelona: Blume, 2017.

<sup>9</sup> KIMBLE, George Hebert Tinley. **A Geografia na idade média**. Londrina: Eduel, 2013.

<sup>10</sup> FURTADO, Junia Ferreira. **Oráculos da Geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. v. 1. 707p.

série de palavras, por um lado, e por outro, tal objeto ou constelação de objetos. Outras vezes é uma coisa ou um conjunto de coisas correspondentes às relações que essas coisas encarnam de modo a evidenciá-las ou ocultá-las”.

A compreensão deste filósofo de representação supera as vinculações que associavam esta noção a um sinônimo de ideologia e, portanto, de afastamento total da realidade como compreendido por outros pensadores<sup>1112</sup>. Vista como mediação e, assim, como a própria possibilidade de comunicação do pensamento e das ideias, a representação assume um caráter de tensionamento entre aproximação e afastamento da realidade, ou, como Lefebvre prefere, de presença e, desse modo, expressão do mundo, ou de ausência e, portanto, de ideologia.

Torna-se relevante compreender, então, a existência de uma intrínseca relação entre as visões de mundo dos que se formam e/ou se denominam geógrafos e as geografias que produzem, haja vista que, superada a concepção de neutralidade científica, o modo como o pesquisador vê o mundo e sua percepção de si enquanto ser-no-mundo, de suas experiências sociais e espaciais, influenciam as suas escolhas nos processos de pesquisa e as suas análises. Temos, por consequência, uma inseparabilidade na pesquisa científica em Geografia entre o geográfico como modo de pensar e como modo de ser que, na medida em que produz conhecimento *sobre* espaço, baseia-se em experiências *do e no* espaço.

Essa relação entre ser e fazer Geografia está evidenciada na história do pensamento geográfico que é marcada pela coexistência e permanência de diferentes paradigmas científicos, baseados em diferentes concepções de mundo, delineando as possibilidades de articulação, as concepções e diferenciações entre conceitos e categorias geográficos, valorizando umas em detrimento de outras<sup>13141516</sup>. Ao longo de séculos, os estudos geográficos foram utilizados para validar, justificar e orientar, explicitamente ou não, ações

<sup>11</sup> LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribucion a la teoria de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

<sup>12</sup> SERPA, Angelo. Teoria das Representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.

<sup>13</sup> SERPA, Angelo. Teoria das Representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.

<sup>14</sup> SERPA, Angelo. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **GEOUSP: espaço e tempo**, v. 21, p. 586-600, 2017.

<sup>15</sup> HAESBERT, Rogério. **Regional-Global: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia** Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

<sup>16</sup> MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia** – nova versão reescrita e atualizada. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. 94p.

do Estado<sup>1718</sup>; bem como, desde o século passado, têm sido utilizados para questionar as ações do Estado, evidenciando as mais diversas desigualdades e injustiças<sup>1920</sup>.

Assim, as pesquisas geográficas tem sido utilizadas como ferramenta de validação e questionamento do que está socialmente estabelecido e, mesmo que as representações não estejam no centro da discussão de certos fazeres geográficos, o geógrafo *não prescinde* da criação/validação/questionamento de representações, entendendo os próprios resultados de pesquisa e sua comunicabilidade enquanto tal como expressão das suas visões de mundo, estejam essas expressas nos seus escritos consciente ou inconscientemente.

É no escopo de entendimento do geográfico como modo de ser e de conhecer que passamos a refletir sobre representação como um importante elemento de pesquisa. Isto porque, vista enquanto mediação, a representação se torna central para compreender as possibilidades do geográfico na medida em que é inescapável. Além de influenciar compreensões de mundo, pode também instituí-las, sendo, pois uma forma de enxergar o mundo pelos olhos daquele que, ao fazer pesquisa, de algum modo, cria e/ou valida representações, como evidenciamos anteriormente nos discursos de apresentação da Terra. Ademais, validar ou refutar compreensões sobre fenômenos espaciais num processo de pesquisa envolve, de certo modo, as representações e visões de mundo por nós adotadas. E, por isso, desvelar nossos caminhos de pesquisa, mais que uma “burocracia científica”, é um elemento fundamental para evidenciar as concepções de mundo e posicionamentos políticos que direcionam a pesquisa e a escrita, revelando as associações entre modos de pensar e modos de ser geográficos.

De mais a mais, uma ou outra compreensão de mundo nos encaminha para diferentes paradigmas, métodos e metodologias de pesquisa que desvelam o fenômeno em sua totalidade, mas sem jamais esgotá-lo ou possibilitar uma compreensão definitiva deste<sup>21</sup>.

Assim, pelo seu caráter de mediação entre homem e mundo, as representações podem ser utilizadas em qualquer recorte escalar e em diversos subcampos na ciência geográfica, como elemento basilar para a compreensão dos processos em curso e, destarte, da realidade. Na minha caminhada, refletir sobre as representações e sua importância surgem no contexto

<sup>17</sup> LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3ª edição. Campinas: Papirus, 1993.

<sup>18</sup> CAMPOS, Rui Ribeiro de. A política na geografia de Vidal de La Blache. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, n.36, v.2, p.124-144, ago./dez. 2014.

<sup>19</sup> HARVEY, David. **Social Justice and the city**. Oxford: Blackwell, 1993. 336p.

<sup>20</sup> SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**. Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbano. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 556p.

<sup>21</sup> SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

das discussões do grupo Espaço-Livre de Pesquisa Ação/UFBA, tendo sido aprofundadas na pesquisa de mestrado sobre o sertão como região, numa perspectiva dialético-fenomenológica, na Bahia<sup>22</sup>.

Diante dessas breves reflexões realizadas e da experiência de pesquisa sobre o sertão, entendemos que as representações se tornam elementos centrais para compreender os fenômenos observados pelas “lentes” de geógrafos, tanto ao longo da história do pensamento geográfico, quanto para revelar aspectos da realidade, de modo a:

- Favorecer o revelar de forças entre os diferentes agentes sociais envolvidos no processo de pesquisa;
- Explicitar as nuances da experiência espacial;
- Explicitar a criação de imagens alternativas e/ou hegemônicas sobre o espaço;
- Explicitar relações geopolíticas na escala intranacional (entre municípios e estados), internacional (entre países e blocos econômicos) e supranacional;
- Explicitar o processo de validação/negação de identidades.

Por fim, diante do exposto, podemos elencar algumas estratégias metodológicas – que indubitavelmente não pretendem criar uma lista exaustiva, nem esgotar as possibilidades de pesquisa – que podem ser utilizadas pelos geógrafos para desvelar como as representações permitem compreender os fenômenos sobre os quais se dedicam, por exemplo:

- Sistematização de informação de notícias veiculadas em jornais, revistas, programas televisivos e de rádio;
- Sistematização de informação de *posts* em redes sociais;
- Sistematização de conteúdos artísticos diversos em músicas, filmes, fotografias e literatura;
- Sistematização de estudos acadêmicos sobre um dado tema, questionando e/ou validando as discussões na referida temática, apontando a influência e/ou escamoteamento de ideologias em vertentes científicas;
- Sistematização de práticas espaciais de agentes e grupos e suas maneiras de se

---

<sup>22</sup> VAZ, Caroline Bulhões Nunes. **Os sertões pelos sertanejos: identidade, representação e regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2016. 210f.

relacionar com/no espaço

- Sistematização de informações oficiais referentes ao planejamento e execução de políticas públicas;